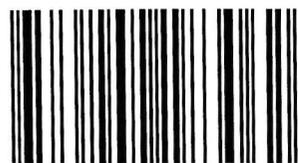


Ciberespaço:

Nesta obra, um roteiro de investigação começa no presente hiperconectado, retorna até a praça grega, ou Ágora e depois, por narrativas de aprendizagens, busca-se as possibilidades de ampliar e amplificar os discursos e os debates filosóficos - definidos como Performances Comunicativas-, através da gamificação e da aula invertida em Novas Arquiteturas Pedagógicas Híbridas (virtuais, digitais e em ambientes 3D) para efetivar de forma significativa tanto o Ensino quanto a Aprendizagem em Filosofia na escola pública.

Graduado em Filosofia e Pedagogia, especialista (Filosofia), mestre em Educação com estudos sobre Filosofia e Formação Trágica, doutor em Educação com tese sobre Filosofia, Educação e Tecnologias, atualmente pesquisa e estuda Ambientes Imersivos, em 3D e Realidade Aumentada para desenvolver Roteiros de Ensino e Narrativas de Aprendizagens.



978-620-2-18306-2

Ciberespaço: uma Nova Ágora

Teixeira



Vanderson Ronaldo Teixeira

Ciberespaço:

Uma Nova Ágora para a Performance Comunicativa através do ensino e da aprendizagem híbrida em Filosofia

 Novas Edições
Acadêmicas

2018

Imprint

Any brand names and product names mentioned in this book are subject to trademark, brand or patent protection and are trademarks or registered trademarks of their respective holders. The use of brand names, product names, common names, trade names, product descriptions etc. even without a particular marking in this work is in no way to be construed to mean that such names may be regarded as unrestricted in respect of trademark and brand protection legislation and could thus be used by anyone.

Cover image: www.ingimage.com

Publisher:

Novas Edições Acadêmicas

is a trademark of

International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group

17 Meldrum Street, Beau Bassin 71504, Mauritius

Printed at: see last page

ISBN: 978-620-2-18306-2

Zugl. / Aprovado/a pela/pelo: São Paulo, Universidade de São Paulo (FEUSP),
Tese de Doutorado, 2017

Copyright © Vanderson Ronaldo Teixeira

Copyright © 2018 International Book Market Service Ltd., member of
OmniScriptum Publishing Group

All rights reserved. Beau Bassin 2018

PREFÁCIO

VINTE E CINCO SÉCULOS DE FILOSOFIA OU A CAMINHADA DA ÁGORA GREGA AO CIBERESPAÇO

*no seu ponto mais alto,
a filosofia é uma criação
perfeitamente similar à criação artística
ou religiosa ou amorosa;
quem não tem nervos de artista,
força de imaginação
e quem não tem ao seu dispor uma vida rica
pode ser professor de filosofia,
mas duvido que chegue alguma vez
aos planos em que vale realmente a pena ser filósofo.*
Agostinho da Silva

Após ter lido o texto agora impresso aquando do gentil convite do professor Marcos Pagotto-Euzebio para participar na banca examinadora do doutoramento do seu autor, o professor Vanderson Teixeira, formei de imediato a opinião de que estava perante o resultado de uma investigação levada a cabo de forma apaixonada e, portanto, o seu autor seria também um professor enamorado pelo saber. Assim sendo e porque estamos a falar de um conhecimento ancestral e de uma ofício que lhe está associado desde o início, tentei perceber se o professor Vanderson será herdeiro e dará conta na sua prática das características que são reconhecidas àqueles que nesta linhagem são considerados os primeiros professores, os Sofistas, ou transparecerá ao longo do seu trabalho os atributos daquele que no ocidente continua a ser o iniciador da filosofia tal como a conhecemos, Sócrates, que inicia o seu magistério em rutura total e em diálogo frontal com esses seus contemporâneos.

Antes do triunfo dos sofistas enquanto professores, os educadores da Grécia eram os poetas, principalmente Homero e Hesíodo, de cujos poemas, *Ilíada* e *Odisseia*, do primeiro, *Teogonia* e *Trabalhos e dias* do segundo, se retiravam as doutrinas no campo da religião, língua, costumes e tudo o mais. Ao longo do século V a. C., aparece um grupo de indivíduos irreverentes que não só põem em causa a educação a que foram submetidos, como a irão

revolucionar com sucesso. É Protágoras de Abdera que inaugura as lições públicas pagas e considera a Verdade como uma avaliação segundo a utilidade pretendida pelos homens: "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são, das que não são enquanto não são". Estes intelectuais passaram à história com o nome de sofistas, isto é, sábios e eram assim designados porque realmente adquiriram um saber que consideraram como um bem que produzia poder e riqueza e, portanto, em conformidade, deveria ser devidamente remunerado. O que os unia não era nenhuma escola nem conjunto de ideias, mas apenas e só considerarem o saber enquanto mercadoria. Foram os primeiros professores, verdadeiros profissionais do saber, que levaram a cabo um ensino itinerante, colocando pela primeira vez o homem como centro das suas preocupações. Guiados pela máxima do "Homem medida", pelo utilitarismo individualista cuja finalidade da acção visava preparar para triunfar na Polis, relativizando a verdade que consideravam como meio para alcançar um fim, vendiam o conhecimento à medida da clientela e do que esta estava disposta a pagar, aliando o saber ao saber-fazer.

A este uso do saber em proveito próprio, em oposição ao método de ensino e à sua finalidade que os sofistas perseguiram, reagiu o cidadão Sócrates ("Os campos e as árvores não me podem ensinar nada, mas sim os homens que vivem na cidade", *Fedro*, 230b). Contudo, uns e outros partilham um novo interesse, o Homem, que substituiu a natureza, centro da reflexão dos designados filósofos pré-socráticos. Sócrates fala ao sabor das conversas que enuncia sem para tal ser pago, não abre nenhuma escola e elege como palco do seu ensino, qualquer lugar frequentado por jovens e menos jovens interessados em dialogar, Ágora, Ginásio, Symposium, buscando não a utilidade do saber, mas a procura do conceito universal (de ordem moral), virtude, piedade, justiça, amizade, beleza....

Durante milénios o ensino, a aprendizagem e o labor dos mestres decorreu quase em exclusivo confinado a escolas que laboram em espaços fechados, mesmo que nem sempre na tradicional sala de aula. Aqui, Vanderson Teixeira que como quase todos nós aprendeu a ensinar numa escola tradicional, trata da transmissão da herança filosófica que é inalienável, no espaço virtual

que em breve poderá vir a ser o palco exclusivo do ensino e aprendizagem daquilo que a tradição convencionou chamar de estudos humanísticos. Levado pela prática profissional aos desafios da nova realidade educativa, juntamente com outros que partilham a mesma preocupação, está decidido a achar o lugar do ensino e da aprendizagem da Filosofia no Ciberespaço que é agora a Nova *Ágora*.

A hegemonia da filosofia só foi possível por um período tão longo porque ela albergava a totalidade das ciências. Quando o progresso acontecido na modernidade inicia a autonomia dos saberes, a mentalidade pragmática na boa herança sofista, percebe que há saberes úteis, científicos, que permitem transformar o real, melhorar as condições de vida e tornar os indivíduos e povos economicamente mais prósperos. O cientismo positivista depressa fez escola e o domínio das ciências naturais e experimentais passou a ser uma realidade nos currículos do ensino público que se começou a generalizar, relegando, com o passar do tempo e já bem dentro do século XX, o designado conhecimento humanístico para segundo plano e, na actualidade, quase para lugar nenhum. Assim foi no mundo ocidental no último século. Eis que, ainda as humanidades procuravam resistir a esta secundarização e já se deparavam, de forma irremediável, com uma realidade radicalmente nova, a realidade virtual. Temos hoje, portanto, escolas do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI.

E a filosofia regressa àquilo que sempre foi: uma procura pela compreensão de conceitos intemporais à existência de cada um, que qualquer que venha a ser o sentido do progresso humano, continuarão a ser prioritários. Veja-se como ela se ofusca em tempos de prosperidade social e como ganha força inusitada ante as catástrofes, de que o exemplo maior são as guerras de dimensão mundial. Mesmo que do ponto de vista social o triunfo da mentalidade sofista tivesse permanecido desde sempre (ou não foi ao longo dos tempos a posse do conhecimento um instrumento de poder individual e desenvolvimento colectivo?), no domínio existencial cada indivíduo encontra-se como sempre esteve: ignorante de si mesmo mas com o grande desejo de se conhecer um pouco melhor. Kant (1724-1804) o filósofo do criticismo, na conhecida passagem

da *Lógica*, resumia assim o domínio da filosofia: que posso saber? Que devo fazer? O que me é permitido esperar? O que é o homem? com as três primeiras interrogações a remeterem para a última. Apesar do aparato conceptual do seu pensamento, a linha aqui seguida, que é o essencial da meditação filosófica, não deixa de replicar as preocupações de Sócrates, que Platão transcreve ao unir conhecimento e educação na afamada Alegoria da caverna (*República*, Livro VII, 514a ss) que Vanderson também comenta. Neste texto tão belo como actual a educação aparece como capacidade para fornecer os meios ao indivíduo tornando-o capaz de contemplar o Ser e o Bem (que coincide com a Verdade), fazendo com que não se prenda à facilidade do dia a dia, mas antes tente conseguir o prazer máximo pelo caminho da ascensão à verdade, pois é ao homem sábio que compete administrar com prudência a cidade. É por isso necessário que os habitantes mais dotados para a ciência consigam ascender ao Bem, tendo sempre presente que a educação deve ser alargada a todos os habitantes da cidade para que cada um conheça o lugar que nela ocupa. Esta alegoria da natureza humana e da atitude perante a cultura e a incultura, faz-nos viver pelo sentimento a dinâmica desta experiência e põe em relevo o resultado da autonomia do conhecimento, designado pelos gregos de educação, ou paideia na formulação de Werner Jaeger (1888-1961). A filosofia nunca findará porque aquilo de que trata é da essência de cada um. Ela é estruturante para que cada indivíduo pense a sua situação em confronto com o lugar que ocupa na sociedade. Não aumenta, nem diminui com o progresso e as novas realidades, não se compra nem se vende, porque o amor, verdade, justiça, bem, beleza, felicidade, liberdade, amizade, eternidade, deus... são preocupações de todos em qualquer tempo e época, independentemente do papel ou estatuto social.

O professor Vanderson Teixeira deixa-nos aqui um itinerário a percorrer, consciente de que o essencial permanecerá eternamente (independentemente dos formatos em que vier a circular), mas também compreende que cada um só lhe poderá aceder se houver um sistema educativo universal que facilite a transmissão desse saber. Poderia por isso apenas criticar e exigir meios à política educativa do seu país, mas vai mais além ao propor-se

enquanto professor do ensino público explorar todos os recursos tecnológicos ao seu dispor para que dentro do sistema educativo em que serve, a filosofia chegue a todos os públicos através das novas plataformas onde circula. A experiência do quotidiano mostrou-lhe que pelo método tradicional de ensinar e aprender os saberes que a filosofia abrange são preteridos pelos estudantes, e assim sendo, passou a disponibilizar esse conhecimento na panóplia de plataformas digitais ao dispor de todos, adaptando-o a essa mesma linguagem. Este é o futuro (já presente) para ensinar e aprender de uma forma o mais universal possível os conceitos perenes que desde que o homem se conhece como tal, sempre fizeram parte das suas mais fundas inquietações.

Artur Manso
UMinho - Portugal
artur.s.manso@gmail.com